

O uso de espaços públicos: o caso da requalificação da rua São Francisco e da construção da Praça de Bolso do Ciclista, Curitiba, PR

The use of public spaces: the case of requalification of São Francisco street and the construction of the Cyclist's Pocket Square, Curitiba, PR, Brazil

El uso de espacios públicos: el caso de la recalificación de la calle São Francisco y construcción de la Plaza de Bolsillo del Ciclista, Curitiba, PR, Brasil

Adilar Antônio Cigolini

<https://orcid.org/0000-0003-4774-5336>

adilar@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR

Jhonnatan Porto

<https://orcid.org/0000-0002-7427-0308>

jhonnatanmp@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR

Resumo: Esse artigo problematiza o processo de requalificação da rua São Francisco e da construção da Praça de Bolso do Ciclista, analisando a transformação do uso desses espaços públicos após a intervenção. Através de análise participante, com a aproximação com os sujeitos que utilizam os espaços da rua e da praça, o resultado aponta para o espaço público como fundamental na discussão sobre cidadania. No entanto a apropriação destes espaços não deixa de gerar conflitos entre os múltiplos atores com interesses divergentes. Apesar da elaboração e a execução do projeto de ter contado com uma equipe de profissionais experientes, as diferentes formas de ocupação da rua não foram consideradas no planejamento, o que não necessariamente indica a existência de equívoco no processo de requalificação. Ocorre que os sujeitos que se apropriaram e ocupam estes espaços também são agentes transformadores que criam novos usos e novas perspectivas conforme suas demandas.

Palavras-chave: Espaço, Espaço público, Democracia, Cidadania.

Abstract: This article problematizes the process of requalification of São Francisco street and the construction of the Cyclist's Pocket Square, analyzing the transformation of the use of these public spaces after the intervention. Through participant analysis, with the approach with the subjects that use the spaces of the street and the square, the result points to the public space as fundamental in the discussion about citizenship.

However, the appropriation of these spaces does not fail to generate conflicts among multiple actors with divergent interests. Despite the elaboration and execution of the project with a team of experienced professionals, the different forms of occupation of the street were not considered in the planning, which does not necessarily indicate a mistake in the requalification process. It happens that the subjects that appropriate and occupy these spaces are also transforming agents that create new uses and new perspectives according to their demands.

Keywords: Space, Public Space, Democracy, Citizenship.

Resumen: Este artículo problematiza el proceso de recalificación de la calle São Francisco y la construcción de la Plaza de Bolsillo del Ciclista, analizando la transformación del uso de estos espacios públicos tras la intervención. A través del análisis participante, con el acercamiento con los sujetos que utilizan los espacios de la calle y la plaza, el resultado apunta al espacio público como fundamental en la discusión sobre la ciudadanía. Sin embargo, la apropiación de estos espacios no deja de generar conflictos entre múltiples actores con intereses divergentes. A pesar de la preparación y ejecución del proyecto con un equipo de profesionales experimentados, las diferentes formas de ocupación de la calle no fueron consideradas en la planificación, lo que no indica necesariamente la existencia de un error en el proceso de recalificación. Sucede que los sujetos que se apropian y ocupan estos espacios son también agentes transformadores que crean nuevos usos y nuevas perspectivas según sus demandas.

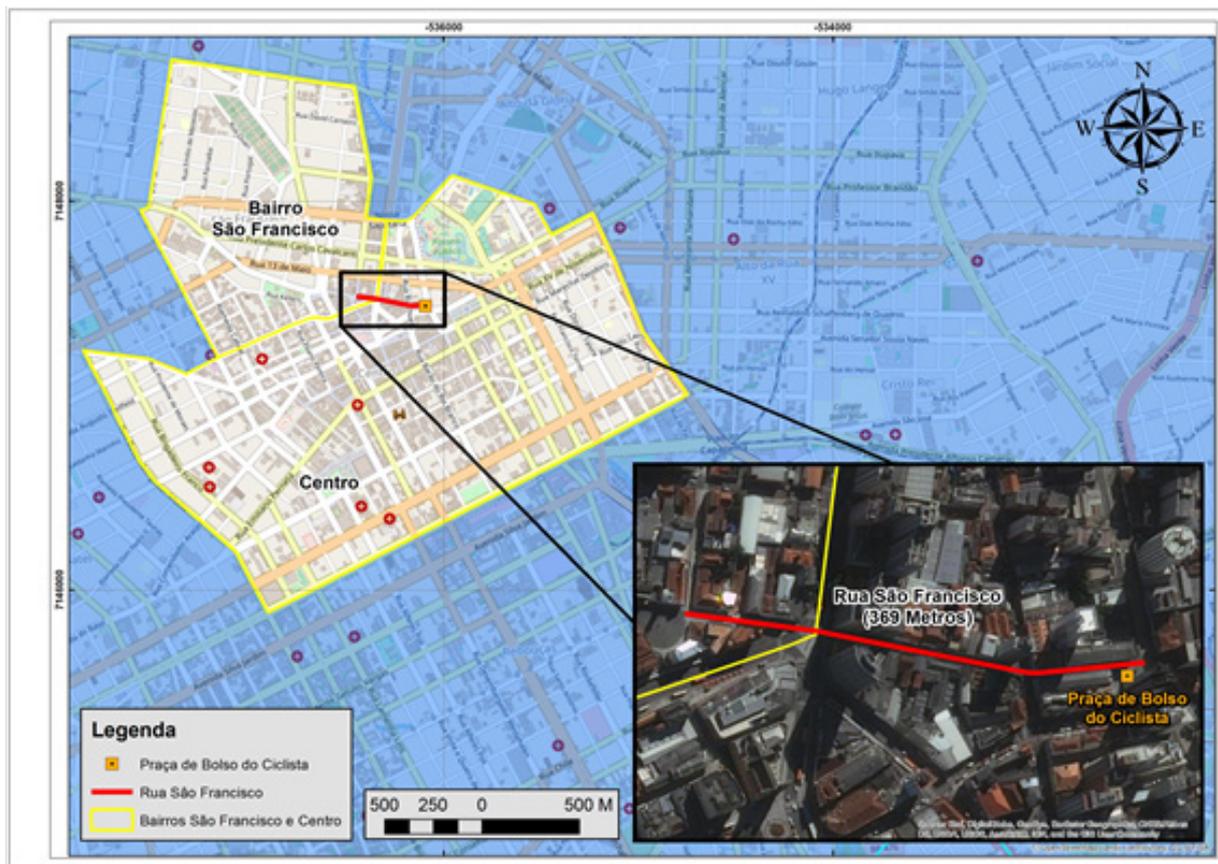
Palabras clave: Espacio, Espacio público, Democracia, Ciudadanía.

INTRODUÇÃO

A geografia tem como o seu principal objeto de estudo o espaço, objeto complexo por fazer parte das diferentes práticas sociais. Logo, o estudo sobre o espaço é também o estudo sobre os sujeitos que constroem suas relações no e com o espaço. Gomes, Corrêa e Castro (2012, p.8) explicam que “Tão importante quanto um esforço de definição do espaço, objeto da geografia, é o esforço de analisar algumas de suas dimensões para interpretar os ordenamentos que resultam e integram a dinâmica do mundo social”.

A rua São Francisco, no Centro Histórico de Curitiba, sempre foi importante na dinâmica do centro da cidade. Em 2013 passou por um processo de requalificação, no sentido de aumentar o comércio e a segurança. Adjacente a ela, em 2014, foi construída a Praça de Bolso do Ciclista, um espaço construído pelo público e de uso público (Fig. 1).

Figura 1: Cartograma da rua São Francisco e da Praça de Bolso do Ciclista, Curitiba, PR.



Fonte: elaborado a partir de www.ippuc.org.br.

Esse texto tem como objetivo apresentar esse processo e analisar como isso modificou as relações geográficas que ali ocorrem. A motivação desse estudo é entender como os novos atores, atraídos pela requalificação, se relacionavam com aquele espaço e com os atores que já o utilizavam. Partiu-se do princípio de que novas formas de apropriação, ou mesmo apropriações coetâneas em espaços de uso consolidado, por atores com múltiplos interesses, podem levar a conflitos.

Inicialmente abordamos os conceitos de espaço, espaço urbano e espaço público, pois a centralidade da análise é o espaço público. Em seguida abordou-se o processo de requalificação da rua e construção da praça. Do ponto de vista urbanístico, são mostradas as intervenções materiais realizadas, os atores responsáveis por essas intervenções e o papel de cada um desses atores nesse processo. Num terceiro momento caracterizou-se não apenas os sujeitos que utilizam a rua São Francisco, mas também a forma como ela é usufruída, o que os sujeitos buscam lá e os conflitos eventualmente surgidos após a requalificação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro procedimento foi a apropriação dos conceitos que norteiam a compreensão do espaço e o espaço público. Para estudar tais conceitos e seus significados foram

usados um conjunto em autores como Milton Santos, Henri Lefebvre, Paulo César da Costa Gomes e outros, cuja referência no tema é amplamente conhecida na literatura. Igualmente, foram trazidas à discussão algumas questões fundamentais para que seja possível o diálogo, entre esse conceito, e àqueles relevantes para compreensão dos fundamentos do espaço público: democracia, cidadania, conflitos.

Os dados coletados contemplaram a rua, a praça, os sujeitos, as instituições e suas relações, levantados através de entrevistas abertas semiestruturadas (Manzini, 2004) e trabalhos de campo. Assim, permitiu-se a aquisição de informações sobre o pré e pós requalificação, a partir da ótica de três instituições caracterizadas enquanto sociedade civil organizada e instituições públicas municipal e estadual, com visões e interesses diferenciados sobre um mesmo lugar: a ONG *Ciclistas do Alto Iguaçu*, o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e o Centro Educacional de Jovens e Adultos Poty Lazzarotto.

As três instituições foram escolhidas pela relação que possuem com a rua São Francisco e por terem vivenciado o pré e o pós requalificação. O CEAD Poty Lazzarotto é um Centro Educacional com o propósito de educar jovens e adultos, e está localizado na rua São Francisco. Já a ONG de ciclistas teve papel fundamental no projeto e construção da Praça de Bolso. O IPPUC foi selecionado por seu papel no planejamento das mudanças urbanísticas da cidade de Curitiba.

Para entender os sujeitos e os usos da rua e da praça a pesquisa de campo e de informações vinculadas nos meios de comunicação se deu através de pesquisa participante, em dias e horários diferentes, com registros fotográficos. Esta é caracterizada pela inserção e participação do pesquisador no local de estudo, a partir da observação e diálogo com os sujeitos presentes (Kluckhohn, 2018; Marconi & Elsen, 2000). Turra Neto (2011, p.358) afirmou que

Pela observação participante, pude ter ideia da dinâmica socioespacial na cidade, dos territórios, bem como dos conflitos, que caracterizam ambas as culturas juvenis. Com a observação participante, então, tive acesso à particularidade do acontecer localizado dessas culturas trans-territoriais na cidade.

A síntese dos procedimentos metodológicos apresentados se mostrou adequado à aquisição das informações necessárias para a análise. Uma contempla os usuários cotidianos da rua e como se apropriam do espaço, o que buscam nele e como se comportam. A outra contempla os agentes que participaram do processo de requalificação, quais eram suas propostas, como se articularam e como avaliam a rua após a requalificação.

O ESPAÇO: UM DEBATE CONTEMPORÂNEO FUNDAMENTAL.

O conceito de espaço tem passado por debates permanentes, num esforço para sua definição, como demonstrou Braga (2007). Santos (2006) debate as facetas complexas e interativas inerentes ao espaço, dos seus objetos e às ações que o modificam.

Esses objetos e essas ações são reunidos numa lógica que é, ao mesmo tempo, a lógica da história passada (sua datação, sua realidade material, sua causação original) e a lógica da atualidade (seu funcionamento e sua significação presente). Trata-se de reconhecer o valor social dos objetos, mediante um enfoque geográfico. A significação geográfica e o valor geográfico dos objetos vêm do papel que, pelo fato de estarem em contiguidade, formando uma extensão contínua, e sistematicamente interligados, eles desempenham no processo social. (Santos, 2006, p.49).

Essas ações modificadoras possuem intencionalidade, ou seja, os sujeitos agem por causa de seus diferentes interesses. Já os objetos são criados, construídos e transformados por essas ações, são as materialidades concretas aparentes provindas dessas ações. Assim, o espaço é formado pelas relações entre os sistemas que os constituem, através do tempo, sua materialidade é transformada a partir das relações dialéticas entre os sistemas, é a sociedade e o espaço se reproduzindo, dialeticamente. Sobre essa dialética, Santos (2006, p.81) explica que

Essa visão renovada da dialética concreta abre novos caminhos para o entendimento do espaço, já que, desse modo, estaremos atribuindo um novo estatuto aos objetos geográficos, às paisagens, às configurações geográficas, à materialidade. Fica mais claro, desse modo, porque o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas a condição de sua realização qualificada. Essa dialética também inclui, em nossos dias, a ideologia e os símbolos.

Para o estudo do espaço urbano no qual a rua São Francisco e a Praça de Bolso do Ciclista estão inseridos, deve-se abordar também os sujeitos, e suas práticas sociais, ou seja, as relações sociais que influenciam na construção e transformações do espaço urbano, numa relação dialética que impossibilita qualquer tipo de dissociação desses conceitos. Logo, para um estudo geográfico sobre esse tema, coloca-se imprescindivelmente a análise, tanto dos aspectos concretos do espaço urbano, como os abstratos de caráter social. Serpa (2004, p. 22) explica que

Dialeticamente, forma e conteúdo são a um só tempo produtos e processos: são auto condicionantes, autorreferentes e historicamente determinados. Na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são, portanto, indissociáveis, e uma discussão sobre tal tema passa necessariamente pela difícil articulação entre os aspectos que dão “concretude” à esfera pública urbana e aqueles de cunho mais abstrato [...].

O espaço urbano, enquanto o local de produção e reprodução do sistema capitalista, é transformado de acordo com os interesses do capital através da mediação do Estado, podendo ou não ter a participação da sociedade civil. Uma das formas de construir essa mediação é através da elaboração de Planos Diretores municipais. Mas, segundo Fani (2007), é através do Estado, enquanto poder político dominador, em que se dá a normatização do espaço, ou seja, ao Estado planejador cumpre o papel de direcionar e hierarquizar os investimentos a serem realizados na cidade.

Um dos debates mais atuais, em relação da apropriação de espaços urbanos, se dá sobre os processos de requalificação. Áreas degradadas são transformadas, não apenas com o intuito de que a população utilize esses espaços, mas também para que esses espaços sejam revalorizados, uma vez que a reprodução do capital depende dessa dinâmica. Sobre esses processos Fani (2007, p.88) afirma

Esses processos revelam que o espaço na metrópole se reproduz, não só enquanto condição, mas também como produto do processo de reprodução política e econômica, revelando a condição do espaço enquanto “valor de troca”, ou seja, como produto direto do processo de generalização da mercadoria do mundo moderno e também como elemento estratégico para a reprodução do poder [...] Essas transformações espaciais produzem, imediatamente, transformações nos usos, funções e formas de apropriação do espaço e, com isso, transformações no modo de vida, pois modifica as relações e a vida dos habitantes, bem como sua condição diante do lugar que se diz respeito a sua vida e com qual se identifica.

Compreende-se, então, o espaço urbano e público como um local onde se apresentam relações de poder, econômicas, políticas e sociais. Logo, disputam o espaço urbano sujeitos, entidades e instituições, em suas variadas formas e diferentes interesses, que não apenas o transformam, mas alteram também a forma de apropriação deste.

Ao se refletir sobre o que é o espaço público, logo nos vem a imagem de uma praça, uma rua ..., ou seja, um lugar que existe concretamente enquanto uma área física passível de reformas, demolições e transformações. Nessa área física as pessoas se encontram, conversam, se divertem, discutem ..., exercendo o papel de cidadãos, ou seja, fazem política. Relações sociais e políticas se dão nesse espaço, como barricadas, passeatas, ocupações, encontros causais, demonstrações artísticas ... São movimentos de caráter político, cultural e social dando conteúdo ao espaço público.

Ora, percebe-se então, que o estudo do espaço público, pode ser feito do prisma da apropriação, em suas diversas nuances, como também o da materialidade. Nesse sentido, aponta-se que a geografia pode ser a Ciência que faz a síntese entre esses dois prismas, conforme problematiza e propõe Gomes, Corrêa e Castro (2012, p.20).

Assim, por um lado, planejadores e urbanistas tendem a evitar a discussão propriamente política ou tratá-la de forma simplista; por outro lado, os cientistas políticos estão propensos a trabalhar com a ideia do espaço público como uma esfera abstrata e imaterial. Dificilmente essas duas dimensões dialogam ou se integram em um mesmo discurso [...] ousa-se também dizer que uma abordagem propriamente geográfica do espaço público pode demonstrar exatamente a necessidade de estabelecer um diálogo profundo entre essas duas dimensões: a física e a abstrata, a da prática urbanística e a das teóricas análises dos politólogos.

No âmbito teórico, o espaço público possui dois pilares estruturantes, o de cidadania e o de democracia, ambos surgidos na antiga cidade grega. Abrahão (2008) explica que, para Hannah Arendt, a vida pública grega era constituída de dois elementos estruturais que permitiam sua realização: a vida é pública era baseada nas atividades de ação (práxis)

e do discurso (conversação). Assim, compreende-se que o espaço público é configurado enquanto um local onde é exercida a democracia e a cidadania a partir de sujeitos políticos, onde a discussão é a ferramenta que permite avanços ou retrocessos. Ressalta-se a importância da ação, que seria a materialização do discurso, ou melhor, a transformação do espaço e das relações. Esse sentido do espaço público persiste na contemporaneidade. Caldeira (2000, p.302) afirma que

[...] há um grande consenso a respeito de quais são os elementos básicos da experiência moderna de vida pública urbana: a primazia e a abertura de ruas; a circulação livre; os encontros impessoais e anônimos pedestres; o uso público e espontâneo de ruas e praças; e a presença de pessoas de diferentes grupos sociais passeando e observando os outros que passam, olhando vitrines, fazendo compras, sentando nos cafés, participando de manifestações políticas, apropriando as ruas para seus festivais e comemorações, ou usando o espaço especialmente designado para o lazer das massas.

A partir da década de 1990 foram vivenciados, nas metrópoles brasileiras, processos de requalificação de diversas áreas, com a construção de obras e revitalização de áreas degradadas. Através de ferramentas como Planos Diretores, Projetos e Programas vários, o Estado transformou concretamente o espaço urbano. Para Fani (2007), essas transformações alteram as relações presentes no espaço, pois transformam as funções, os usos e as apropriações, incentivando ou impedindo o acesso a certas partes da cidade por determinados conjuntos de cidadãos. Alguns autores tem se debruçado sobre o tema a exemplo de Sant'Anna (2008), Góis (2018), Borges (2018), Souza (2018), Morais (2018), Machado Filho (2018), Matos (2010) e Cassab (2010).

Assim, o estudo do espaço público perpassa pelo entendimento de sociedade, democracia e cidadania. Se por um lado, é no espaço público onde se exerce a cidadania, ou seja, pratica-se a política (embora atualmente sejam poucos os espaços onde os cidadãos possuem a liberdade de definir os melhores caminhos sobre o planejamento urbano, e conseqüentemente, a construção e transformação do espaço público); por outro lado, se o espaço público é usado e apropriado pela população, nas suas mais variadas formas, nada mais justo que tal população tenha não apenas voz, mas a capacidade real de transformação desses espaços. Se sociedade e espaço não são elementos separados, então as relações sociais e políticas diárias em um espaço público devem ser transformadoras e assim, talvez, a democracia possa ser exercida.

OS AGENTES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS.

A rua São Francisco é uma das mais antigas de Curitiba. De acordo com o registros históricos em documentos da Câmara Municipal, datados de 1786, já foi conhecida como rua do Fogo, do Hospício e do Terço (por causa da Igreja e do hospital que ali existiram no século 19) e rua do Riachuelo. Localizada no coração pulsante da cidade, sempre foi uma rua importante, caracterizada pelo comércio e, por muito tempo, um comércio diversificado. Também foi caracterizada enquanto uma rua de caráter boêmio, onde andavam pelas

suas calçadas as pessoas à margem da sociedade. Sobre algumas de suas características, o IPPUC menciona que

Ainda nos dias de hoje a São Francisco conserva o traçado dos tempos coloniais. Tempos em que se amarravam cavalos em argolas fincadas nas estreitas calçadas de pedra e se penduravam os chapéus nos beirais das casas. Conserva, também, elementos de diferentes temporalidades, visíveis nos antigos sobrados de grossas paredes, no calçamento irregular, nas construções mais recentes e, até mesmo, em atividades seculares que já inspiraram uma de suas denominações (fonte: www.ippuc.org.br)

Para Santos (2006) a paisagem possui objetos concretos, providos de conteúdo técnico referente ao seu período histórico. Essa leitura permite o entendimento da mutabilidade da paisagem, pois esses objetos mudam dialeticamente de função, significado e valor com o tempo.

No caso da rua São Francisco, casas e edifícios são registros históricos bem como o chão de matação colonial, preservado na reforma das calçadas. As significações desses objetos mudaram com o tempo e, com a requalificação, são os registros históricos dos elementos presentes na rua atuando na conservação da história concreta.

Foi consenso entre os entrevistados que no período anterior a requalificação, a São Francisco encontrava-se abandonada pelo poder público, sendo dominada por usuários de *crack*, o que remetia à um lugar obscuro e marginalizado. No período noturno, a rua curta e estreita, de apenas duas quadras, era ambiente de tráfico de drogas, principalmente *crack*. Além da iluminação praticamente inexistente, carros estacionados aumentavam a dificuldade de se transitar, assim o comércio ilegal era realizado dentro dos veículos, e o uso de drogas se efetivava na calçada, entre os carros, debaixo das marquises, ou seja, a rua era tida como um local inseguro.

A requalificação da rua São Francisco é consequência de um projeto da Prefeitura Municipal de Curitiba para determinadas áreas centrais, intitulado *Projeto Novo Centro*, com o objetivo de reformar o espaço público para melhorar o acesso ao comércio do centro. Sobre estes processos Fani (2007, p.89) explica que

Assim, a revitalização é, antes de mais nada, um processo de revalorização do solo urbano que muda o uso do espaço pela imposição do valor de troca, expulsando aquele que não está apto a pagar por ele, como pode ser visto, por exemplo, em São Paulo, Salvador ou mesmo em Paris. A revitalização, por sua vez, também produz a assepsia dos lugares, pois o “degradado” é sempre o que aparece na paisagem como o pobre, o sujo, o feio, exigindo sua substituição pelo rico, limpo, bonito; características que não condizem com a pobreza.

Após a requalificação, alguns estabelecimentos se mantiveram e outros surgiram. O caráter gastronômico do lugar é visível, com 14 restaurantes, lanchonetes e bares, bem diversificados e com culinária variada, sendo o Restaurante São Francisco o mais antigo, fundado em 1955. Apesar de passarem quase despercebidos por quem frequenta a rua há dois edifícios, um de apartamentos para locação e outro de residentes proprietários

em sua maioria. Existem edificações com estabelecimentos comerciais no andar térreo e andares superiores destinados a aluguel de quartos. Outros estabelecimentos comerciais seriam brechós, lotérica, estacionamento e funerária.

O CEAD Poty Lazzarotto, localizado na primeira quadra da rua, tem suas salas se estendendo praticamente até o fim da quadra. Atende desde 2001 em torno de mil estudantes de Curitiba e Região Metropolitana. De acordo com a atual diretora da escola, o prédio, que é alugado, foi construído para fins comerciais e suas salas são pequenas, no entanto adequadas para as turmas, que possuem poucos alunos, com um ambiente de aproximação entre professores e alunos.

No contexto da revitalização houve a emergência de um elemento construtivo novo em termos de espaços públicos em Curitiba, a construção da Praça de Bolso do Ciclista. Localizada num terreno público mas abandonado no início da rua São Francisco, cujos principais agentes do processo foram a sociedade civil organizada nas duas entidades - a ONG *Ciclistas do Alto Iguaçu* e a *Bicicletaria Cultural*.

A ONG surgiu em 2011 com o objetivo de dialogar com o poder público sobre a ciclomobilidade. Pouco tempo depois foi criada a *Bicicletaria Cultural*, um espaço de construção coletiva, em frente à Praça, que funciona como um estacionamento de bicicletas aliado a outros serviços e atividades. Relembra um cicloativista entrevistado que, logo no início da gestão do então prefeito Luciano Ducci em 2013, a ONG questionou a prefeitura sobre projetos para o terreno. Esta tinha a intenção de criar naquele espaço uma praça diferenciada e para tal estava aberta a propostas. A ONG propôs uma praça do ciclista e, aprovada a ideia, ficaram encarregados os urbanistas do IPPUC de apresentar um projeto temático. O projeto apresentado era arrojado, inclusive com proposta de bicicletas fixas para a produção de energia para carregamento de celulares, por exemplo. Mas este projeto não foi executado por falta de verbas e em 2013 a ONG apresentou uma contraproposta para construir a praça por conta própria, em formato de mutirão. Aceita a proposta, o poder público ficou encarregado da terraplanagem e da doação dos materiais mais brutos, enquanto a aquisição de materiais mais específicos e construção da praça ficaram a cargo da ONG.

A adaptação e simplificação do projeto inicial foi realizada pela *Ciclo Iguaçu*, não apenas na questão de materiais e estrutura física da praça, mas também na forma de trabalho. A construção se deu de forma horizontal e coletiva, com um grupo coeso de pessoas próximas e outras que circulavam nesse grupo e contribuíam eventualmente. Aos sábados e domingos diversas atividades paralelas eram realizadas durante a construção da praça, com música, produção de alimentos e recreação infantil.

A construção durou seis meses e em 2014, no dia 22 de setembro, *Dia Mundial Sem Carro*, foi inaugurada com variadas manifestações artísticas. Durante o processo ocorreu o *Fórum Mundial da Bicicleta* em Curitiba e, após esse evento, surgiu a pintura da artista Mona Caron, representando uma flor que poliniza a cidade com uma bicicleta, remetendo a ideia de movimento que se apropria do espaço urbano. O formato e posição dos objetos inseridos no contexto da praça permitem tanto a permanência quanto o fluxo de pessoas. Bancos com desenhos em mosaico e pequena mureta proporcionam um local ideal para

a permanência de um grupo de pessoas. Seus caminhos abertos permitem o ir e vir de pessoas e paraciclos permitem aos ciclistas estacionar suas bicicletas, facilitando trânsito pela rua. As paredes são decoradas com variados desenhos grafitados, mensagens escritas e papéis colados, inclusive uma parede verde (Fig. 2).

Figura 2: Praça de Bolso do Ciclista, vista para a Rua Presidente Faria, Curitiba, PR.



Foto: J. M. Porto, 2018.

A construção da Praça possui um caráter diferenciado inovador, desde a ideia à inauguração, onde sujeitos da sociedade civil tiveram a oportunidade de idealizar, planejar e construir um espaço público comunitário, sendo que a experiência de articulação com o poder público permitiu uma certa autonomia dos sujeitos. A Praça de Bolso do Ciclista foi pensada com características que são intrínsecas ao movimento pela mobilidade urbana, não só sobre o processo de sua construção, mas o projeto proposto e realizado, o caráter artístico e cultural está presente em suas estruturas, criando um ambiente para o encontro de uma juventude urbana.

Esse processo veio ao encontro do debate teórico evidenciado no início desta análise, ou seja, como o diálogo mediou as relações sociais e políticas e transformaram, de fato, o espaço público, onde democracia e cidadania se colocaram presentes, dentro dos limites do ordenamento político que o atual sistema impõe.

OS USOS E OCUPAÇÕES DA RUA E DA PRAÇA: UMA LEITURA EM RELAÇÃO AOS SUJEITOS

O entendimento sobre os elementos que constituem o ambiente em que foram construídos e o caráter diversificado dos estabelecimentos presentes é de suma importância para a compreensão dos interesses dos sujeitos que ocupam a rua, ou melhor, quais experiências são buscadas ali. Nesse sentido, percebe-se que há estabelecimentos ligados ao lazer e à boêmia, mas também estabelecimentos ligados ao estudo e ao descanso, logo,

existem sujeitos que buscam experiências diferentes, que se entrecruzam na convivência desses espaços.

Como os diferentes estabelecimentos e espaços da rua também influenciam no tipo de experiência que os sujeitos buscam, as mudanças realizadas na rua São Francisco influenciaram na forma como a rua é utilizada, ou seja, emergiram novos usos desse espaço. Como as calçadas foram expandidas, inclusive com a construção de uma faixa acessível, uma nova dinâmica permite tanto a passagem como a permanência de pessoas. Para contribuir com a experiência de permanência, a Praça de Bolso do Ciclista possui bancos e degraus onde as pessoas se sentam em grupos.

O caráter gastronômico é acentuado pela presença de lanchonete árabe, restaurante brasileiro, restaurante japonês, hamburgueria, e outros. As vendas de bebidas alcoólicas ocorrem praticamente em todos os períodos do dia, de bebidas comuns às cervejas produzidas artesanalmente. A diversidade de opções de comidas e bebidas, que atrai os sujeitos, foi potencializada com a requalificação ao permitir à clientela mais espaço em pé nas calçadas, uma vez que muitos compram nos estabelecimentos mas consomem na calçada, ou melhor, na rua.

Esse tipo de ocupação da rua não foi esperado, de acordo com a opinião exposta pela representante do IPPUC. Logo no início da requalificação, tal processo de ocupação não existia e a expansão das calçadas tinha o objetivo de retirar os carros e facilitar a passagem dos pedestres. De fato, no início as pessoas iam para consumir no interior dos estabelecimentos mas logo se iniciou a lógica de permanência na rua.

Outro estabelecimento que possui influência na ocupação da rua é o CEAD Poty Lazzarotto, que recebe centenas de alunos durante todos os períodos do dia. Esse grupo de sujeitos que estão diariamente na São Francisco, no intervalo entre uma aula e outra, ocupam espaços da rua, conversam, namoram, jogam cartas, tocam instrumentos musicais e outras atividades, enfim, encontram na rua um espaço de socialização. Somam-se aos estudantes, alunos de outros colégios da região central de Curitiba. Assim, estudantes encontram na rua um ambiente aconchegante para o lazer, principalmente pelo caráter de uma cultura urbana, representada pelos grafites, pichações e “lambes” encontrados em toda a extensão da rua. O grupo dos estudantes do CEAD e de outras escolas curitibanas formam uma parte dos sujeitos que não apenas ocupam a rua, mas também a transformam a partir das relações sociais ali construídas, o que não é isento de conflitos a serem abordados mais à frente.

Como afirmado, com a construção da Praça de Bolso do Ciclista a rua São Francisco ganhou um espaço adequado para a realização de eventos artísticos e culturais. A própria inauguração foi uma celebração de um trabalho realizado coletivamente. A partir de então aumentaram os eventos na rua, de apresentações organizadas de forma autônoma por pessoas a eventos organizados por entidades. Recorrentemente a Praça é ocupada por sujeitos que estão ali para compartilhar arte, cultura e política, como a festa *Plas Ayisen – Somos Tod@s Migrantes*, em dezembro de 2014, para apoio aos migrantes haitianos, organizado pelo *Programa Português Brasileiro para Migração Humanitária* da Universidade Federal do Paraná e entidades parceiras. Houve a apresentação de filme, danças, músicas e fotos,

além da venda de alimentos típicos. Foi ocupação da praça para um evento que em sua essência é político, afinal a pauta da migração está na agenda até hoje. Noutros eventos há apresentações musicais de artistas de rua curitibanos, onde a rua e a praça são ocupadas por sujeitos que ali expressam suas culturas e opiniões.

Obviamente a rua não é ocupada apenas em eventos e algo comum são grupos de pessoas com seus instrumentos musicais ou som mecânico. Assim, a São Francisco se tornou um ambiente que pulsa cultura em suas diversas formas.

Em dois dias na semana a primeira quadra da rua é fechada para veículos e toda quinta-feira ocorre uma feira para a venda de diversos produtos artesanais. Esse fechamento permite uma melhor utilização dos espaços da São Francisco, ao garantir segurança e liberdade de trânsito. Aos domingos são colocados brinquedos e tabuleiros na rua para a realização de atividades com crianças - o *Espaço Kids* (Fig. 3). Na câmara dos vereadores foi pedido seu fim, sob a alegação de que o espaço da São Francisco não é apropriado para crianças:

Apesar dos argumentos de que a revitalização dos espaços públicos se dá com a ocupação dos mesmos pela população, prevaleceu a tese que o local é inapropriado para atividades recreativas com crianças - chamada de "Espaço Kids" na indicação de sugestão ao Executivo. "A prefeitura está dando um mau exemplo. [As crianças] ficam no meio de bêbados, drogados, pessoas do mesmo sexo que 'se amassam' na rua", defendeu o autor da iniciativa. "As crianças precisam ser resguardadas de agressão, de aliciamento", seguiu outra vereadora. (fonte: <https://www.bandab.com.br/politica/por-cao-de-bebados-e-drogados-vereadores-pedem-fim-de-espaço-kids-na-rua-sao-francisco>)

Figura 3: Espaço Kids, na Rua São Francisco, Curitiba, PR.



Foto: J.M. Porto, 2018.

A decisão sobre o fim do *Espaço Kids* ainda se mantém em aberto. Recordar-se aqui a interação das crianças durante a construção da Praça de Bolso do Ciclista. No mais, os vereadores também são contra o fechamento da rua para veículos aos fins de semana. Em documentário realizado sobre a construção da Praça de Bolso do Ciclista, entrevistados expuseram suas impressões e opiniões:

Essa ideia de que o público ou espaço público é fundamental para a constituição da democracia, porque as pessoas se encontram, por exemplo, e como ponto de encontro, elas acabam dissolvendo essas diferenças sociais, é claro, elas não terminam, mas são ao menos apaziguadas, todo regime de segregação racial se baseia na segregação espacial, acima de tudo. Se as pessoas convivem, esse tipo de preconceito não consegue se sustentar, numa ditadura, por exemplo, se estabelece quais são as primeiras medidas a serem tomadas, cerceiam a imprensa, mas cerceiam o espaço público também, é o toque de recolher, é a proibição de aglomeração no espaço público, enfim, o espaço público de alguma forma assusta o poder estabelecido, porque dá chance de convívio as pessoas. (Transcrição de fala do documentário *Praça de Bolso do Ciclista*, disponível em <https://vimeo.com/122463936>).

Outro grupo importante é o de trabalhadores e estudantes universitários, que buscam arte, cultura e diversão nas calçadas da rua São Francisco. Geralmente ocupam a rua no fim de tarde e à noite, espalhados na frente dos diversos bares, socializando enquanto ouvem música e bebem. Dentro desse grande grupo, há divisões em grupos menores, que se diferenciam de acordo com o estabelecimento de preferência, e de estilos de vida diferenciados, percebíveis através de seu vestuário.

Apesar das diferenças de ideias e opiniões compartilhando o mesmo espaço multiuso, todos encontram na rua São Francisco um lugar central, ideal para o lazer boêmio. Para Lefebvre (1991), os lugares do espaço social são muito diferenciados do espaço natural, porque podem ser justapostos, no sentido de combinados e intercalados e, por vezes, conflituosos, o que dá ao espaço sua hipercomplexidade. Tanto as entidades e sujeitos aqui caracterizados utilizam e ocupam o mesmo espaço, e assim constroem suas relações sociais, culturais, econômicas e políticas.

De quinta-feira a domingo, no fim de tarde em diante, a concentração de pessoas em busca de diversão promove muito barulho, com alguns estabelecimentos promovendo bandas musicais ao vivo ou em caixas de som. O barulho alto é a principal reclamação dos moradores dos edifícios e dos professores e professoras do CEAD. O som ecoa atrapalhando aqueles que querem descansar ou estudar.

Como algumas das salas de aula ficam de frente para a rua, não há como deixar as janelas abertas nesses dias. Mas até com as janelas fechadas o som atrapalha a concentração dos estudantes e dos próprios professores. Igualmente, o ambiente boêmio da rua São Francisco acaba sendo um convite para os estudantes deixarem a sala de aula para se divertir.

O problema recorrente continua sendo o tráfico de drogas, ainda que a venda e consumo de substâncias ilícitas não ocorra apenas na São Francisco. De acordo com a

representante do CEAD, esse é o principal conflito entre a escola e o lugar. Anterior à requalificação também havia o tráfico de drogas, mas na época tal situação não era vista como conflitante em relação a escola, pois os alunos não se envolviam com os usuários como ocorre agora. Pelo alto fluxo de estudantes, há dificuldade no controle de entrada de pessoas na escola e assim os traficantes acabam acessando o interior da escola. Também por se tratar de uma escola pública, todas as matrículas são aceitas e há interesse por parte desses traficantes de se matricularem e encontrar no CEAD um ponto de segurança, tanto para se esconder da polícia, quanto para guardar suas drogas.

O comércio ilegal de drogas conjuntamente à aglomeração de pessoas é parte do problema da segurança pública local. De acordo com o portal de notícias *Bem Paraná*, de janeiro a março de 2016 foram registradas 26 ocorrências na rua, sendo a principal ocorrência o porte de substâncias ilícitas, seguida de perturbação do sossego, dano e roubo. Durante o dia não é difícil de encontrar agentes de segurança pública na região da São Francisco, porém no período noturno sua presença é praticamente nula.

Com o intuito de aumentar a segurança da rua, no início do ano de 2017 foi instalado um totem de videomonitoramento interativo da Guarda Municipal (Fig. 4). Além das câmeras, o totem possui alto-falantes que emitem avisos e sistema de interação direto com a Guarda Municipal, que busca inibir a prática de crimes.

Figura 4: Vigilância da Guarda Municipal no início da São Francisco, Curitiba, PR.



Foto: J.M. Porto, 2018.

Apesar da articulação entre comerciantes, moradores e estabelecimentos, para minimizarem esses problemas, os conflitos permanecem e são recorrentes nas mídias.

Conclui-se então que a requalificação da rua São Francisco e a construção da Praça de Bolso do Ciclista permitiram novos usos deste espaço público. Se anteriormente era um local pouco utilizado e abandonado, após a requalificação se tornou um local de uso de um público diverso, com características próprias e que buscam experiências distintas. Apesar da elaboração e a execução de um projeto de requalificação urbana, que contou com uma equipe de profissionais experientes, as diferentes formas de ocupação da rua São Francisco não foram consideradas no planejamento, o que não necessariamente indica a existência de equívoco no processo de requalificação. O processo de requalificação da rua São Francisco e de construção da Praça de Bolso do Ciclista indica que os sujeitos que se apropriaram destes espaços, e que os ocupam cotidianamente, também são agentes transformadores que criam novos usos e novas perspectivas conforme suas demandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso da Praça de Bolso de Ciclista, a experiência de entidades civis terem a oportunidade de planejar e construir uma praça foi um avanço em cidadania e democracia, uma vez que o processo permitiu uma apropriação, de fato, de um espaço público. O processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista, não apenas estreitou a relação entre as pessoas, mas também dessas pessoas com o próprio espaço.

Em sua essência, a construção da praça foi um ato político, entende-se então que o conceito de “política” relacionado ao espaço público não se limita apenas ao uso desse espaço, pois nesse caso, a política esteve presente desde o planejamento e construção. Reforçando o caráter político do espaço público, Gomes, Corrêa e Castro (2012, p.24) coloca que

Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais da transformação social.

A rua São Francisco abriga lugares onde diferentes grupos se encontram, nem sempre com o mesmo objetivo, levantando uma complexidade de relações. Porém a relação que aparece recorrentemente na mídia são os conflitos causados pelo tráfico de drogas e o barulho durante as noites. Como explica Haesbaert (2002, p. 121).

Simplificadamente podemos dizer que, enquanto a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que, por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor.

A reflexão se dá a partir do entendimento de que, tanto o CEAD Poty Lazzarotto, quanto os edifícios de habitação estão localizados em local pouco adequado para suas atividades e que, talvez, o diálogo anterior à requalificação com os comerciantes não foi feito, no sentido de discutir os possíveis conflitos consequentes da requalificação e formas de evitá-los e/ou mitiga-los.

Souza (2015) debruçou-se sobre as relações de poder inerentes ao espaço que, quando projetadas no espaço, constroem territórios e levam à reflexão sobre como os diferentes sujeitos se relacionam e constroem seus territórios. Permite compreender a fluidez do território, onde diferentes sujeitos se apropriam do espaço em determinados horários do dia – como por exemplo, uma gangue juvenil territorializa a praça à noite, quando nesse mesmo espaço crianças brincam durante a tarde, numa outra lógica de apropriação.

As múltiplas territorializações da rua São Francisco e da Praça de Bolso do Ciclista indicam que o espaço público tem a política cotidiana dos grupos como elemento de centralidade, onde conflitos são inerentes e ajustes são necessários à convivência. Pode-se, nesse sentido, resgatar a concepção de Massey (2009) do espaço como possibilidade da existência coetânea, cujas relações de divergência e convergência implicam em acordos de convivência.

Os resultados mostram que, de fato, o espaço público constitui-se enquanto objeto de estudo geográfico, e como é utilizado, a partir da compreensão de que são as relações cotidianas que se articulam dialeticamente nesse espaço, que o transformam e são transformadas. Essa leitura deve servir para as instituições públicas de planejamento pensarem em como inserir de maneira mais efetiva a sociedade nos projetos transformadores do espaço urbano. O diálogo pode resultar em melhores propostas em relação aos conflitos que se apresentam.

Igualmente, retomando Santos (2006), sobre o espaço como interação entre objetos e ações, nota-se que a requalificação de objetos implicam em novas ações, num processo permanente e dialético, solidário, mas também conflituoso.

Conclui-se então, da importância de se trabalhar os espaços públicos enquanto objeto geográfico, não apenas no sentido da síntese entre o abstrato e o concreto, mas enquanto uma das ciências envolvidas no planejamento urbano, colaborando para o aumento da democracia e cidadania nos processos decisivos de transformação da cidade.

REFERÊNCIAS

- Abrahão, Sérgio Luiz (2008). *Espaço Público: do urbano ao político*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- Borges, Sérgio Silva (2018). Espaço político e tensão democrática: os protestos recentes e a potência das ruas. *Geografias*, 26, 161-181.
- Braga, Rhalf Magalhães (2007). O Espaço geográfico: um esforço de definição. *Revista GEOUSP*, 22, 65-72.
- Caldeira, Teresa (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Ed USP.
- Cassab, Clarisse (2010). A cidade como espaço público: uma interpretação pautada na fala dos jovens. *Mercator*, 20, 83-91.

- Fani, Ana (2007). *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a Cidade*. São Paulo: Edição Eletrônica/LABUR.
- Góis, Marcos Paulo (2018). Espaços públicos e Vida Noturna. *Geografares*, 26, 69-85.
- Gomes, Paulo Cesar Costa, Corrêa, Roberto Lobato, & Castro, Iná Elias (2012). *Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, Rogério (2002). *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto.
- Lefebvre, Henry (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell.
- Kluckhohn, Florence (2018). O Método de “Observação Participante” no estudo de pequenas comunidades. *Sociabilidades Urbanas. Revista de Antropologia e Sociologia*, 5, 29-38.
- Machado Filho, Guilherme Felix (2018). Dos espaços da sociabilidade aos espaços de ação política: transfiguração de ruas e praças em espaços políticos. *Geografares*, 26, 214-234.
- Manzini, José Eduardo (2004). Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Anais do Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos*. São Paulo, SP, Brasil, 2. Recuperado de https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf
- Massey, Doreen (2009). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Marconi, Sonia Silva, & Elsen, Ingrid (2000). Estudo qualitativo utilizando observação participante - análise de uma experiência. *Acta Scientiarum*, 22, 637-647.
- Matos, Fátima Loureiro de (2010). Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade do Porto. *Observatorium*, 4,17-33.
- Morais, Marcelo Alonso (2018). A participação na construção de espaços políticos pelos umbandistas no município do Rio de Janeiro: visibilidade, reconhecimento e representatividade política. *Geografares*, 26, 106-125.
- Sant’Anna, Marcus Vinícius (2008). *Entre o projeto urbano e o lugar: práticas, representações e usos do espaço público no processo contemporâneo de renovação do hipercentro de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal e Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, MG. Recuperado de https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_6efe078feb079994ad471b46d2471593
- Santos, Milton (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4.ed. São Paulo: Ed. USP.
- Serpa, Ângelo (2004). Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, 15, 21-37.
- Souza, Marcelo Lopes de (2015). *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Souza, André Felix de (2018). Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. *Geografares*, 26, 182-2013.
- Turra Neto, Néscio (2011). Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. Curitiba, *Revista Ra’e’ga*, 23, 340-375.

Data de submissão: 31/out./2019

Data de aceite: 07/jul./2021